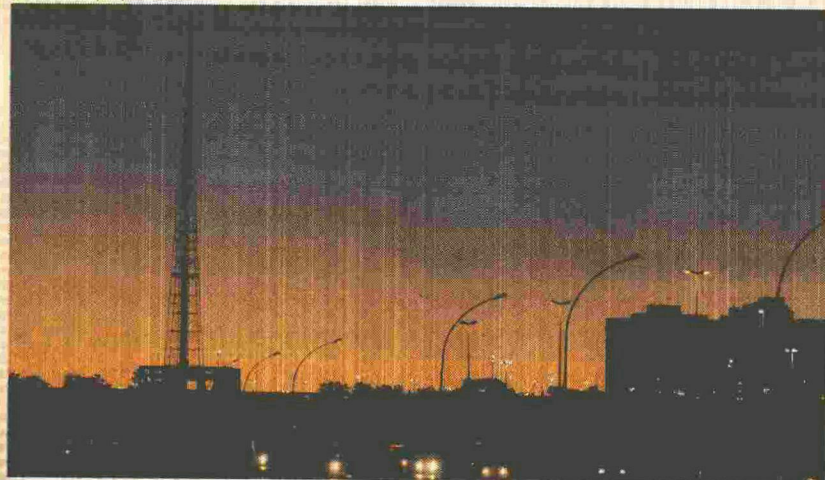


Cadu Gomes/CB/D.A Press

A Torre de Televisão funciona como um ponto de referência para os brasilienses se situarem no espaço



RODRIGO COUTO

Os imensos espaços vazios presentes no Plano Piloto não foram criados por Lúcio Costa apenas para facilitar a circulação das pessoas e proporcionar uma melhor qualidade de vida aos habitantes da nova capital. A vastidão de Brasília, mais evidente no Eixo Monumental, teria sido meticulosamente projetada para abrigar com segurança e pompa as grandes cerimônias de recepção dos chefes de Estado. Localizado em uma estreita rua do Rio de Janeiro, o Palácio do Catete, sede do Executivo no período de 1897 a 1960, tinha uma pequena área externa para recepção com grandiosidade os presidentes estrangeiros que visitavam o Brasil. Os poucos degraus da entrada do edifício em estilo neoclássico — construído sob encomenda do barão, visconde e conde Antonio Clemente de Pinto — que ligavam diretamente a rua do Catete dificultavam até a locomoção do Batalhão da Guarda Presidencial. A tese é do arquiteto da Universidade de Brasília (UnB), Antônio Carlos Carpintero, também doutor pela Universidade de São Paulo (USP). “O Catete não tinha a monumentalidade necessária para oferecer as honras às autoridades”, afirma.

Se há 50 anos a então capital do país não possuía toda essa grandiosidade exigida às recepções de autoridades, Brasília esbanja na quantidade de espaços abertos fora e dentro do circuito Legislativo-Executivo-Judiciário. A amplitude da cidade brasileira não é esquecida até para

“ATÉ OS CEGOS PODEM VER BRASÍLIA PELA VIBRAÇÃO SUTIL E CONFORTANTE DOS ESPAÇOS ABERTOS”

PAULO MENDES CAMPOS

www.correiobraziliense.com.br



Ouç trechos da entrevista com o professor Antônio Carlos Carpintero

CIDADE ESPACIAL

A VASTIDÃO DOS HORIZONTES
A ESCALA MONUMENTAL DA CAPITAL MODERNISTA AGRADA OS MORADORES E FASCINA OS VISITANTES

quem visita Paris, capital da França, pela primeira vez. “Quando cheguei lá no ano 2000, uma amiga me levou ao Campo de Marte (área localizada entre a Torre Eiffel e a Escola Militar) e disse: ‘olha como é grande’. E respondi imediatamente: ‘Isso aqui é tão pequenininho perto de Brasília’. Ela me olhou feio, mas é a pura verdade”, diz Carpintero. “O Campo de Marte tem cerca de 500 metros de comprimento e 100 metros de largura, enquanto o Eixo Monumental, do Congresso Nacional à Rodoviária, são aproximadamente 2.800 metros e pelo menos 360 metros entre os dois sentidos da via, de um ministério a outro”, compara.

Os elogios aos grandes espaços de Brasília não se restringem apenas aos moradores da capital. Quem visita a cidade pela primeira vez, sobretudo o turista estrangeiro, também se impressiona com o projeto do urbanista Lúcio Costa. É o caso da portuguesa Iva Louro, 33 anos. “É diferente de todas as outras. Essa vastidão contribui para a qualidade de vida. Brasília está na lista das cinco melhores cidades que já visitei”, ressalta.

BEM-ESTAR

Do terceiro andar de seu apartamento, na 110 Norte, o militar aposentado Atila Silva, 49 anos, admira o grande espaço verde em frente à sua varanda. “Quando olho, tenho a sensação de bem-estar. É muito bom sentar aqui e tomar uma cervejinha apreciando esta vista que tenho. Não troco Brasília por nenhuma outra cidade”, diz o paulista, que vive há 15

anos na capital. Casado e pai de duas filhas, Atila só reclama da falta de segurança. “Já invadiram a garagem do prédio, mas esse problema é comum nas grandes cidades.”

Além do Eixo Monumental e das quadras residenciais do Plano Piloto, o Parque da Cidade Sarah Kubitschek, encravado no meio da cidade, também chama a atenção pela extensão de seus 4,2 milhões de metros quadrados. Uma das partes do terreno que mais fascina turistas e brasilienses é o bosque de pinus, onde antigamente funcionava uma pista de skate. Enfileiradas, as árvores formam um cenário de cinema. “Me faz lembrar meu país”, observa a ucraniana Yarina Malyk, 29 anos.

MITOS

Dono de um acervo pessoal com mais de 80 mil imagens, o fotógrafo Orlando Brito, 60 anos, utilizou a cidade como principal cenário para suas milhares de fotografias. “Registrar os grandes espaços e os monumentos com gente é como dar vida às fotos”, diz. Apesar da afirmação, Brito cita que uma de suas mais belas criações sobre Brasília não havia nenhuma pessoa dentro do enquadramento. “Foi às vésperas do AI-5 (Ato Institucional número 5 emitido pelo regime militar, em 13 de dezembro de 1968). Ao fotografar parte da Esplanada dos Ministérios, consegui focar, ao fundo, uma enorme nuvem negra sob o Congresso Nacional”, conta, mostrando o registro profético republicado recentemente numa revista paulista.